



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRAL DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

DENIZE DA SILVA DIAS CRUZ

**O BERÇÁRIO COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

DENIZE DA SILVA DIAS CRUZ

**O BERÇÁRIO COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **em Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ms^a. Maria
Lúcia Serafim

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

C957b Cruz, Denize da Silva Dias.
O berçário com espaço de desenvolvimento
infantil [manuscrito] / Denize da Silva Dias

Cruz,

2012.
36 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Maria Lúcia Serafim ,
Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Berçario 3. Creche
Escolar 4. Prática Pedagógica I. Título.

21. ed. CDD 372

DENIZE DA SILVA DIAS CRUZ

**O BERÇÁRIO COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em **Pedagogia** da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em ____ / ____ / ____.

Maria Lúcia Serafim
Prof. Ms^a Maria Lúcia Serafim / UEPB
Orientadora

Marinalva da Silva Mota
Prof. Ms^a Marinalva da Silva Mota / UEPB
Examinadora

Livânia Beltrão Tavares
Prof^a Ms^a Livânia Beltrão Tavares / UEPB
Examinadora

O BERÇÁRIO COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CRUZ, Denize da Silva Dias¹

RESUMO

As creches e pré-escolas, como são denominadas legalmente instituições que atendem a crianças de 0 a 5 anos de idade no nosso país (BRASIL, 1996), tem se tornado na contemporaneidade espaços em que os alunos são apenas cuidados quanto a aspectos e/ou necessidades biológicas, como comer, dormir. Sendo deixadas de lado, atividades pedagógicas que incentivam o desenvolvimento infantil e a aprendizagem significativa. A investigação do nosso trabalho se deu no período de Março a Novembro de 2011, durante o estágio supervisionado em Educação Infantil em uma escola pública do município de Campina Grande, que oportunizou a construção deste relato de experiência no âmbito da abordagem qualitativa da pesquisa-ação, com o objetivo de analisar práticas pedagógicas desenvolvidas dentro do berçário desta instituição pública na cidade de Campina Grande – PB, com o olhar voltado para o desenvolvimento infantil e para as práticas pedagógicas realizadas no ambiente do berçário. O projeto foi embasado nos estudos dos teóricos Vygotsky (2007) e Piaget (1980); e estudiosos que desenvolvem trabalhos voltados para a área do desenvolvimento infantil e das metodologias e didáticas direcionadas à educação infantil como Goldschmied e Jackson (2006), Callil (2010), Melo, Brandão E Mota (2006). Esperamos que este estudo possa ser um instrumento que oriente um trabalho mais eficiente dentro das instituições por parte dos profissionais que nelas se encontram, que venha a transformar o cotidiano do berçário e possa contribuir com o desenvolvimento de crianças nessa fase da sua escolarização.

Palavras-chave: Berçário; Desenvolvimento Infantil; Educar e Cuidar.

1. Introdução

Atualmente, é possível observar um número cada vez maior de crianças, desde a mais tenra idade, matriculadas em berçários públicos. As creches e pré-escolas, como são denominadas legalmente instituições que atendem a criança de 0 a 5 anos e 11 meses de idade (BRASIL, 1996), acabam se tornando o lugar onde estas passam a maior parte do dia, e são inseridas em práticas pedagógicas que visam seu desenvolvimento e sua aprendizagem.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba / denize.dsc@gmail.com

No entanto, também é possível observar que os berçários parecem ainda se constituir de espaços em que crianças na faixa etária de 4 meses a 2 anos, são apenas cuidadas em suas necessidades biológicas, sendo deixado de lado, atividades pedagógicas que também ajudam a criança a se desenvolver e a aprender.

O berçário é um espaço muito rico que deve suprir todos os requisitos necessários para que a criança sinta-se a vontade, acolhida e amada. Para tanto, faz-se necessário que instituições sejam dotadas de uma estrutura física e de um funcionamento pedagógico, adequados a exploração segura e a liberdade da criança – indispensável ao seu desenvolvimento.

Essa etapa da educação infantil é muito importante para a criança, sendo necessário um trabalho pedagógico que desenvolva práticas de estimulação psicomotora e psicológica que são de extrema importância nessa fase de descobrimento do mundo e do próprio “eu”. Além disso, a criança vai conquistando, aos poucos, autoconfiança, crescimento emocional e personalidade.

Assim, a partir do período de observação de 5 meses (no 1º semestre do ano de 2011) na instituição que serviu de campo de pesquisa, vimos a necessidade de estudar esse ambiente educativo um pouco mais. Durante o período de observação, constatamos, dentre outras, que algumas práticas não condizem com o ritmo das crianças, que o planejamento ainda precisava ser repensado no sentido de atender as necessidades das mesmas e que as poucas atividades realizadas não se davam grande importância, sendo realizadas para o preenchimento do tempo da criança e não como algo que ajudaria em seu desenvolvimento e aprendizagem.

As pequenas atitudes, comportamentos e gestos das crianças em atividades livres² que aconteciam na creche passavam por despercebido aos olhos das professoras e são esses pequenos fatos que vem nos mostrar, a partir de um olhar crítico, como está o desenvolvimento dessas crianças, como estão se sentindo e nos ajudar enquanto professoras a mediar com qualidade o cuidar e o educar nessa fase.

Decorrente desse período de observação buscamos desenvolver um projeto de pesquisa com o objetivo principal de analisar o trabalho pedagógico desenvolvido junto as crianças que frequentam este berçário, com olhar voltado para o desenvolvimento infantil. Dessa forma, pretendemos refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas nessa etapa da educação, possibilitando uma nova visão aos profissionais dessa área ao

² Entendemos atividades livres nesse caso, quando as crianças só brincavam entre elas sem nenhuma intervenção das professoras.

introduzir novas situações de atividades pedagógicas que favoreçam a criança de forma integral.

Nesse projeto tivemos como base teórica estudos de Vygotsky (2007) onde contribui com nosso estudo com sua teoria da mediação, de um homem biológico e sócio-histórico, onde o desenvolvimento desse ser humano se dará pela relação dele com o mundo, sendo essa totalmente mediada por sistemas simbólicos dentro da sociedade. Piaget (1980) também tem sua contribuição em nossos estudos com sua teoria do desenvolvimento na fase sensório-motor que diz respeito à criança de 0 a 2 anos.

Utilizamos também, os estudos de Goldschmied e Jackson (2006) que trazem uma visão inovadora da educação em creches para crianças de 0 a 3 anos. Destacando uma nova forma de entender essa fase da educação escolar, com idéias de organização da instituição, atividades pedagógicas, promovendo novas visões do brincar criativo e com qualidade, integrando o cuidar e o educar. (p. 31)

Fortalecendo a idéia do cuidar e do educar na educação infantil recorreremos aos estudos de Montenegro (2005) que vem trazendo as concepções das diferenças entre essas duas definições. Estudos de Callil (2010) que contribui com sua pesquisa de doutorado no âmbito do berçário. Como também aos estudos de Melo, Brandão e Mota (2006) que fazem-nos refletir sobre o lugar da criança na educação infantil, a partir de estudos e pesquisas que consideram a criança em seus aspectos básicos e necessidades, como também com os processos gerais que a integra.

O projeto foi vivenciado durante três meses, sendo aplicado uma vez por semana, com crianças na faixa etária de 1 à 2 anos do Berçário II da instituição. A cada semana a aplicação de atividades fazia-nos refletir sobre o desenvolvimento daquelas crianças e convencíamos cada vez mais da importância da estimulação e mediação durante essa fase da educação infantil.

O acompanhamento das atividades e da nossa própria ação docente foi feito através do registro escrito em diário de campo, de fotos e vídeos. Os resultados da observação e atuação do projeto estão contidos nesse artigo que propõe discorrer sobre a experiência contida no período de observação e atuação no berçário. A priori, será discorrido sobre a nossa base teórica, onde destacaremos os pontos em que nos aprofundamos com base em idéias dos autores escolhidos, seguido da demonstração de como foi elaborado o projeto e a aplicação do mesmo. Por fim, analisaremos o trabalho

feito, como contribui para a nossa formação, como encaramos essa experiência e analisamos os dados.

2. Referencial teórico

Durante muitos anos a educação infantil não foi vista como um espaço educativo onde a criança de 0 a 6 anos deve ser entendida e respeitada enquanto criança. Atualmente vários estudos mostram a importância dessa fase para o desenvolvimento das crianças, tendo assim uma boa base para toda sua escolarização.

É com esses estudos que os teóricos da educação buscam melhorar as práticas educativas em escolas de educação infantil. Sabendo que essa fase da escolarização é a base para todo o resto procura-se entender a importância do início dessa educação, ou seja, o berçário, a primeira fase que muitos passam dentro de uma instituição de ensino.

No berçário encontramos crianças de até dois anos de idade. Nessa fase os bebês estão descobrindo o mundo a sua volta, estão em um processo de autoconhecimento, de construção do próprio eu, da sua identidade.

Usando como referência os estudos de Jean Piaget, a criança de 0 a 2 anos de idade encontra-se em um período chamado por ele de sensório-motor e nessa fase a criança “conquista, através da percepção e dos movimentos, todo o universo que a cerca” (BOCK, 1999). Assim, é notável e considerável a intensa necessidade do bebê movimentar-se e ter a liberdade de usufruir dos seus sentidos para exploração do seu corpo e dos ambientes em que convive, pois seu conhecimento e aprendizagem vai se desenvolver a partir das suas experiências concretas.

Em um ritmo um tanto acelerado fica evidente o desenvolvimento da criança e o aparecimento de novas habilidades e necessidades. “O desenvolvimento ósseo, muscular e neurológico permite a emergência de novos comportamentos, como sentar-se, andar, o que propiciará um domínio maior do ambiente” (BOCK, 1999).

Por isso, que para a criança nessa fase, qualquer atividade por mais simples que seja é uma grande descoberta. Alguns brinquedos, uma música, um lugar novo, uma caixa para entrar, uma cadeira para subir, um espelho grande na sala são motivos de grandes festas e algazaras em sala. Todas essas situações, que para nós adultos estão presentes no nosso cotidiano para as crianças na maioria das vezes são motivos para grandes aventuras.

Com isso muitas vezes professores/as se estressam e não dão a devida atenção a certas atitudes das crianças. Brigam, querem que elas façam coisas diferentes. Mais é

necessário entender que na maioria das vezes o que para nós adultos é algo rotineiro, para aquela criança ainda é novidade.

Como adultos, aprendemos a passar rapidamente de uma situação para a outra, e desenvolvemos uma habilidade para fazê-lo, mesmo que não tenhamos vontade de trocar. As crianças não conseguem ‘trocar de marcha’ desse jeito, e devemos dar-lhes tempo para que se adaptem e compreendam o que queremos que elas façam (GOLDSCHMIED E JACKSON, 2006, p. 72).

Nessa perspectiva os estudos de Vygotsky (2007) apresentam que a criança passa por vários processos para pegar algum brinquedo, para escolher algo, para olhar para outro objeto, para movimentar-se para algum lugar.

A principal diferença entre os processo de escolha no adulto e na criança é que, nesta, a série de movimentos tentativos consistiu o próprio processo de seleção. A criança não escolhe o estímulo (a tecla necessária) como ponto de partida para o movimento consequente, mas seleciona o movimento comparando o resultado com a instrução dada (VYGOTSKY, 2007, p. 25).

Dessa forma, entendemos a partir de Vygotsky, como é necessário e importante o movimento nessa etapa da educação infantil. A criança é puro movimento. Então, querer que na fase de berçário (até mesmo de grande parte da vida escolar) a criança seja um ser sem movimento, que passe o dia sentada ou dormindo, que não corra, não pule, não grite, não explore é como se estivéssemos castrando a criança do próprio desenvolvimento.

À medida que se desenvolve e é estimulada a criança começa a se relacionar e ter comportamentos mais ativos em relação ao meio e as pessoas com quem convive. A interação com outras pessoas, inclusive crianças, não é só uma necessidade social, mas também biológica e psicológica. A criança precisa ter contato com outras pessoas para se entender como uma, ou seja, é necessário conviver com outras crianças para se entender como criança, para se enxergar diferente do outro, para poder se incluir dentro de um grupo, para entender suas necessidades.

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é por meio da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto, a interação social [...] fornece a

matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo (OLIVEIRA, 2006, p. 39).

Durante toda essa fase a criança precisa de um ambiente estimulador, do contato com outras crianças e de liberdade para se desenvolver. Assim, o berçário é o ambiente onde essas crianças precisam ter esse apoio, esse estímulo, essa liberdade e esse contato com outras pessoas.

Assim destacamos a importância do berçário como um ambiente estimulador e para isso precisa necessariamente que ocorra um processo pedagógico mediador. Esse processo se faz necessário pelo fato de mesmo sabendo que as atividades livres das crianças sejam importantes, as atividades mediadas possuem mais qualidades e podem servir de acompanhamento e avaliação para o professor. Fora isso, concordamos com a teoria vygotskiana da mediação, ou seja, da “[...] relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada, sendo os sistemas simbólicos os elementos intermediários entre o sujeito e o mundo”. (OLIVEIRA, 2010, p. 25)

Dessa forma, o processo de mediação quando trabalhado dentro das atividades é essencial para que as crianças possam internalizar, explorar e auxiliar o seu desenvolvimento.

A linguagem que consideramos nessa pesquisa, não é a linguagem propriamente dita, como a dos adultos, e sim uma linguagem que está sendo, ainda, internalizada pela criança, dentro do ambiente que ela está inserida. A linguagem nessa fase é muito importante, pois faz um elo de ligação entre o que a criança pensa e o concreto. Nesse caso consideramos a linguagem como um instrumento do pensamento (OLIVEIRA, 2010, p. 45).

O berçário é um espaço que requer profissionais capacitados e aptos a saber lidar com crianças nessa faixa etária. É importante conhecer os aspectos básicos do seu desenvolvimento e saber usufruir de práticas educativas mediadoras desse processo de desenvolvimento natural das crianças.

Todos os educadores que trabalham com o cuidado de crianças precisam entender a importância educacional de seu trabalho, para que as experiências das crianças pequenas, das quais eles cuidam, sejam não somente satisfatórias em si mesmas, mas promovam qualidades como curiosidade, criatividades, concentração e persistência em face de dificuldades, o que será útil a elas nos anos seguintes na escola (GOLDSCHMIED E JACKSON, 2006, p. 27).

É preciso muito estudo, olhar crítico e reflexão para atuação no berçário, pois todas as práticas devem estar voltadas para atender as necessidades das crianças, possibilitando uma mediação eficiente.

A rotina programada pela escola é um problema em alguns casos, pois estas acabam atendendo a necessidade da escola e não da criança. É necessária uma rotina que se adeque aos ritmos da criança, e não da instituição ou das/os professores. Até porque os ritmos das crianças “mudam à medida que eles crescem, de maneiras que não se assemelham à rotina da creche”. (GOLDSCHMIED E JACKSON, 2006, p. 99). Não tirando a importância da rotina para a organização até das próprias crianças, mas é importante que ela seja flexível e colocada aos poucos no cotidiano das crianças, não sendo necessário seguir a risca e impor a todo custo.

A alimentação também é um fator muito importante a ser repensado no berçário, pois deve ser apropriada ao desenvolvimento saudável dos bebês já que muito cedo são afastados do leite materno. Então, Goldschmied e Jackson (2006, p. 190) mostram que “O tipo de comida oferecido às crianças na creche é importante, não somente por causa de seu impacto imediato em sua saúde e seu desenvolvimento, mas porque estabelece as bases para hábitos alimentares futuros”. Café da manhã, almoço, janta e lanches que devem conter os nutrientes básicos para todo ser humano e inclusão do hábito de comer frutas e tomar água vai criar nas crianças hábitos alimentares saudáveis e construir desde cedo a consciência de uma boa alimentação.

Goldschmied e Jackson (2006, p. 13) afirmam que “apesar dos grandes avanços em nosso conhecimento acerca de como um bebê se desenvolve desde antes do seu nascimento até a maturidade, neste país estamos ainda longe de dar sério reconhecimento à importância dos primeiros anos de vida”. Como dizemos anteriormente o berçário é um espaço onde a criança se desenvolve e o professor deve sempre procurar oferecer condições para esse desenvolvimento. Então a inclusão de atividades educativas nessa fase é extremamente importante e indispensável.

As brincadeiras, as pinturas, os primeiros contatos com os livros, com a música, com os lápis, coleção, com papel, ou seja, as primeiras experiências que se precisa ter em uma escola é incondicionalmente essencial para dar uma base às crianças. São atividades que devem ser prazerosas e estimuladoras, não se tornando motivo de frustração da criança ou obrigação para mostrar aos pais.

Deve-se considerar a atividade “[...] como toda e qualquer ação em que a criança é envolvida na prática pedagógica [...]” (MELO, BRANDÃO E MOTA, 2006, cp. 11, p.

129), ou seja, toda atividade realizada dentro do berçário deve ser vista e atribuída valores educativos. A criança de 0 a 2 anos transforma simples atividades em grandes momentos de riqueza no seu desenvolvimento.

No berçário não são necessários grandes materiais e brinquedos maravilhosos. A criatividade nessa fase é de extrema importância e uma caixa de papelão, por exemplo, pode se torna grande mediador do desenvolvimento, a partir do incentivo do/a professor/a na atividade ou até mesmo deixando-as a vontade para criar. Atividades são grandes formas de avaliação do professor e de poder refletir sobre o processo de desenvolvimento das crianças.

Prestar atenção à ação da criança e em suas atividades, nas atuais práticas pedagógicas, representa, por parte do professor, ou professora, não apenas à consideração a um sujeito ativo com potencialidades, direitos e linguagens que lhe são próprias, mas a consciência de que é pela observação atenta a essa criança, que sua ação docente pode ser melhor avaliada e adequada a situações que favoreçam a qualidade do processo de desenvolvimento desse pequeno sujeito[...] (MELO, BRANDÃO E MOTA, 2006, cp. 11, p. 130).

Seu desenvolvimento motor e psicológico desenvolve-se naturalmente e mais rapidamente à medida que a criança encontra um ambiente mais estimulador, criativo, harmonioso e convidativo para explorar. Tendo essa reflexão “as atividades lúdicas se encaixam perfeitamente garantindo a liberdade, a criatividade e o envolvimento da criança”. (MELO, BRANDÃO E MOTA, 2006, p. 81)

O berçário não deve ser visto como um espaço do simples cuidar. É necessário muito mais do que isso, deve ser considerado como uma fase da educação infantil que tem suas especificidades assim como o maternal e a pré-escola. É um ambiente onde as crianças precisam se desenvolver e para isso precisa ser entendido e feito de forma que as atividades sejam voltadas para essa necessidade. Concordamos com Goldschmied e Jackson (2006, p.129) quando afirma que essa fase do berçário

[...] é um período de crescimento e desenvolvimento extraordinariamente rápidos, porém, a menos que pensemos com cuidado como dar conta de suas necessidades particulares, a experiência para as crianças, em especial no âmbito do cuidado em grupo, pode facilmente tornar-se negativa e limitadora.

A criança do berçário mais do que tudo, precisa correr, pular, se sujar, cair, brincar, experimentar novas sensações, viver novas experiências, enfrentar novos desafios, ou seja, ela precisa mais do que nunca ser criança, precisa ser entendida e respeitada enquanto criança.

3. Aspectos metodológicos da vivência no berçário.

Em cinco meses de observação constatamos que o berçário observado era muito pobre em atividades educativas e que o seu dia-a-dia era preenchido pelo simples cuidar das professoras. Sentimos assim, a necessidade de incluir atividades pedagógicas que complementassem o espaço educativo do berçário onde as crianças daquela instituição passavam grande parte do seu dia-a-dia, criando um ambiente cada vez mais educativo e desafiador contribuindo para o desenvolvimento das mesmas.

Assim, a realização desse trabalho situou-se em uma pesquisa-ação onde segundo Thiollent “[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo [...]” (1988, p. 14).

Nesse tipo de pesquisa, nós pesquisadores, desenvolvemos um papel ativo dentro do processo e isso faz com que possamos nos envolver cada vez mais com o nosso objeto de estudo. Na área educacional encontramos muitos desafios, por causa da resistência da instituição e de professores que não sabem lidar com a nossa presença, que interfere no trabalho dos mesmos. Mas a pesquisa-ação dentro da educação trás muitos benefícios, pois

[...] os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes (THIOLLENT, 1988, p. 75).

Encontramos dentro da pesquisa-ação uma forma colaborativa de desenvolver nosso trabalho, vendo que estaríamos contribuindo não só para a nossa formação acadêmica e construção do nosso conhecimento, mas também para a construção de uma nova forma de encarar a educação infantil na fase do berçário por parte da equipe da escola.

Em geral, a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a ‘dizer e a ‘fazer’. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 1988, p. 16).

Dessa forma, após os cinco meses de observação de toda a rotina escolar da instituição, com aprofundamento do berçário, que serviu de exploração do nosso campo de atuação, ajudando a colher dados sobre o mesmo e estabelecer o que precisaríamos focar, tivemos dois meses para a construção do projeto que daria o rumo a nossa intervenção.

A elaboração do projeto foi feito com base na observação que tivemos e nos teóricos escolhidos para o nosso tema - desenvolvimento infantil no berçário – e em livros de estudiosos da área de educação infantil. Os estudos de Vygotsky, Piaget, Goldschmied e Jackson, entre outros que contribuem com seus estudos para o tema do desenvolvimento infantil serviram de base teórica para o nosso projeto. A elaboração dos planos de aula foram feitos de acordo com o objetivo que queríamos alcançar em cada atividade pensada e tinha todos os passos que iríamos realizar nas aulas junto as crianças.

O berçário II foi a sala escolhida para a aplicação do projeto, pois durante a observação tivemos um maior contato com essa turma e maior abertura para participar da mesma por parte das professoras. A turma continha 12 (doze) crianças na faixa etária de 1 a 2 e 5 meses, 2 (duas) professoras na sala e 1 (uma) assistente³.

Com a elaboração do projeto e o planejamento das aulas que iríamos aplicar, apresentamos o projeto à instituição. Foi explicado que a nossa presença não iria interferir no trabalho das professoras e que a nossa intenção, além do estudo a ser realizado, era construir novos conhecimentos junto com elas e colaborar cada vez mais com o desenvolvimento das crianças a partir da mediação que faríamos.

³ A assistente auxiliava tanto o berçário I como o berçário II. Dependendo da quantidade de crianças, ela ficava na turma. E quando necessário auxiliava outras salas também.

Não tendo nenhuma rejeição por parte da administração da escola, desenvolvemos nossas atividades durante cinco dias, indo à instituição uma vez por semana⁴. Como já conhecíamos a turma, foi mais fácil o começo da socialização, antes de aplicar as atividades.

Buscamos desenvolver nossas atividades de forma prazerosa, levando para as crianças como uma novidade e não algo que era obrigado para elas fazerem. Obtemos bons resultados e a participação das crianças em todas as atividades foi significativa.

Quando afirmamos que nosso trabalho foi significativo não queremos dizer que o mesmo teve seus objetivos completamente atingidos, pois nessa fase do berçário não temos resultados imediatos. Acreditamos que em nenhuma fase da educação o resultado seja de imediato, pois encaramos a educação como um processo contínuo do qual os resultados só aparecem anos depois.

O que trabalhamos no berçário é a base da construção da vida escolar da criança. É um processo de mediação contínua entre ela e o mundo que a cerca. Como afirma OLIVEIRA (2010, p. 35) em seus estudos sobre Vygotsky “a mediação é um processo essencial para tornar possível, atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo”.

Dessa forma, a escola deve propiciar as crianças um espaço desafiador, interativo e que auxilie no desenvolvimento das mesmas, revelando-se assim um espaço “mediador cultural à medida que nele ocorre a gênese e formação das primeiras experiências cognitivas, motoras, sensoriais e emocionais, ou seja, torna-se fonte de experiência e aprendizagem, constituindo-se em elemento significativo do currículo” (CALLIL, 2010, p. 60)

4. Caracterização do campo de observação

A instituição observada, durante a primeira etapa do estágio docente, no período de observação no 1º semestre do ano de 2011, é considerada escola modelo, pela prefeitura da cidade Campina Grande-PB. É uma escola grande e espaçosa, bem conservada, organizada e bonita. E contém uma equipe pedagógica bem preparada, pois todos/as os/as funcionários/as são concursados, a maioria dos/as docentes possuem nível

⁴ Um dos nossos grandes desafios foi ter que desenvolver esse trabalho apenas um dia por semana. Achávamos mais produtivo se tivéssemos tido mais tempo com as crianças em uma rotina contínua, mas infelizmente, por vários problemas encontrados em nossa caminhada acadêmica, essa foi a solução encontrada.

superior e a gestora possui anos de experiência na área da educação, possui ensino superior e se mostra comprometida com seu trabalho.

Chama atenção por conter várias salas e todas em funcionamento e bom estado. Dormitórios, sala de leitura e salas de aula são muito bem organizadas com cômodos (mesas, cadeiras, camas) de acordo com o tamanho das crianças. Todas as são salas coloridas, com quadros, desenhos e pinturas⁵ feitas pelas próprias professoras e pela diretora da escola. As salas de aulas também possuem esses quadros, mas notamos que não havia pinturas nem quadros pintados pelas crianças em nenhuma das salas. O ambiente já era todo preparado, ou seja, já era todo decorado com enfeites coloridos, pinturas, quadros e pelo visto ficava assim o ano inteiro. Das crianças só tinha atividades que eles faziam e eram penduradas nos varais, mas que eram retiradas depois.

A decoração de um ambiente deve ser criada, ao longo do ano, pelos usuários (educadores, crianças e pais). Não é preciso ter um espaço completamente pronto e praticamente imutável desde o primeiro encontro. O espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com necessidades, usos, etc. (CRAIDY e KAERCHER, 2001 p. 74)

Ao todo a escola possui cinco banheiros. Dois onde as crianças do maternal I e II tomam banho e se arrumam, um do berçário, um dos funcionários e um da pré-escola. Em cada sala de aula também tem banheiro, com privada e uma pia. Cada criança tem uma bolsinha onde guarda a roupa que veio de casa; cada uma tem seu pente, sua escova, toalha e sabonete.

Tem duas cozinhas e um refeitório que geralmente é utilizado pelos professores e funcionários para alimentação, já que as crianças fazem as refeições dentro da sala de aula. A lavanderia possui máquinas e todo o material necessário para a limpeza das roupas das crianças que são lavadas todos os dias. Sendo a higiene um dos pontos fortes dentro da escola, que é sempre muito limpa e zela pela higiene também das crianças.

O berçário é um espaço grande onde ficam o dormitório, a cozinha, o banheiro e uma sala dividida para o berçário I e II. O dormitório é super aconchegante, bonito, organizado e bem arejado. A sala onde as crianças ficam possui mesinhas utilizadas apenas pelas crianças do berçário II, TV, aparelho de som e vários colchonetes pelo chão. Essa sala é um pouco pequena, por isso tem um pátio externo onde as crianças ficam boa parte do dia. É nessa área livre onde tem os vários brinquedos como casinhas,

⁵ Os desenhos e pinturas que encontramos nos quadros são paisagens, frutas, crianças, plantas.

escorregadores, gangorra e vários outros brinquedos que ficam espalhados pelo chão quando as crianças estão no pátio.

Todas as salas de aulas possuem muitos brinquedos, mas que não são distribuídos pela faixa etária. São brinquedos doados pela população, por parcerias que a escola faz com empresas, lojas, entre outros meios que a escola encontra para arrecadação. No berçário percebe-se a falta de brinquedos, para aquela faixa etária, que estimulem o desenvolvimento das crianças.

A escola também dispõe de uma área de recreação com parquinho. É uma área com areia que possui balanços, casinha e escorregadores para as crianças do maternal e da pré-escola. Só é prejudicada em tempos de chuva, pois não é uma área coberta, então as crianças não podem sair da sala de aula quando chove.

A equipe de professores/as é empenhada e demonstra ser unida. Durante o estágio percebemos que mesmo em alguns casos as professoras tenham certas atitudes que aos nossos olhos não condizem com o que esperamos, a criatividade delas em relação às atividades chama muito atenção, devido a forma como trabalham, que tentam fazer a criança interagir e aprender. Como também o empenho em fazer um bom trabalho.

Nessa instituição percebemos que dentro de um ambiente escolar é essencial uma equipe pedagógica, pois a união e companheirismo fazem com que até o clima da escola seja harmonioso.

Não estamos querendo insinuar que essa escola seja perfeita em todos os aspectos, pois toda regra tem sua exceção, toda escola tem suas dificuldades e a área da educação não é um “mar de rosas”. Lá também encontramos dificuldades, professores/as desanimados/as com sua profissão, trabalhos que poderiam melhorar, mas diante das conversas que tivemos com a maioria das professoras durante nosso período de observação nas salas percebemos que pelo menos a maioria gosta do que faz e faz bem feito.

É na escola que o desenvolvimento das crianças se aflora, mudanças psicológicas, afetivas, emocionais, motoras, sócias, ou seja, seu desenvolvimento se dá de forma mais acelerada e será melhor identificado dentro de um ambiente estimulador e acompanhado por profissionais que entendam essas mudanças. A escola é o lugar onde crianças muitas vezes possuem vontade de estar ou são instigadas a isto, pois desde cedo são estimuladas a conhecer esse ambiente novo e “mágico” onde elas vão aprender e conhecer novas pessoas e é lá onde elas passam grande parte de sua vida. O trabalho

pedagógico feitos nos anos iniciais da escolarização das crianças é fundamental para o seu desenvolvimento já que essa é a base de toda sua vida escolar.

5. Relato de Experiência – o lugar do vivido.

As atividades que buscamos desenvolver no berçário II da instituição foram baseadas a partir das observações que tivemos na primeira parte do estágio. Buscamos introduzir atividades que contribuíssem com o desenvolvimento integral das crianças de acordo com a faixa etária delas.

Desenvolvemos atividades que favorecessem o desenvolvimento psicomotor da criança, como também buscamos explorar a oralidade e incentivar as relações sociais e afetivas tanto das crianças com as outras crianças, como das professoras com as crianças. Mesmo delimitando temas para atividades, sempre esses três aspectos se relacionavam, ou seja, a criança é um todo e nenhum aspecto está isolado dos demais embora o objetivo das atividades fossem direcionadas para a oralidade, por exemplo, a motricidade e a afetividade também eram observadas.

Todas as atividades foram feitas de forma muito prazerosa onde as crianças eram estimuladas a participar e não obrigadas. Procurávamos chamar a atenção delas para que ficassem curiosas e tivessem interesse em participar. Quando víamos que alguma delas não queria participar deixávamos ela a vontade para brincar com outra coisa. Mas na maioria das vezes elas sempre se aproximavam para ver o que os outros coleguinhas estavam fazendo e acabavam participando também.

A seguir, mostraremos pelos temas psicomotricidade, oralidade e afetividade como foram desenvolvidas as atividades junto às crianças e as professoras da instituição.

5.1 Relato das atividades em relação ao desenvolvimento psicomotor

As atividades que desenvolvemos na creche para estimular a psicomotricidade das crianças foram: pintura a dedo; brinquedos de encaixe e de montar; brincadeiras livre na areia; brinquedos instrumentais junto com a música. Sendo essas, feitas cada uma em um dia.

A pintura a dedo foi um momento prazeroso para as crianças, onde puderam sentir novas texturas, ver e conhecer novas cores e ter outros aprendizados.

Começamos cobrindo o chão com papéis para que não ficasse muito sujo após a atividade e por cima colocamos as cartolinas e fomos chamando as crianças para

ficarem em círculo, sentadas no chão. Em seguida balançamos um pouco os potinhos para que parte da tinta descesse para as tampinhas e começamos a distribuir entre as crianças. Algumas ficavam com o potinho e outras com a tampinha.

Pedimos para que eles colocassem os dedinhos e fossem pintando a cartolina no chão. Enquanto distribuíamos os potinhos percebíamos que as crianças que esperavam receber ficavam com um olhar muito curioso. Algumas que recebiam ficavam olhando para a tinta, outras demoravam um pouco para colocar os dedinhos, enquanto outras já colocavam os dedinhos sem medo e já pintavam a cartolina. À medida que pintavam, olhavam atentamente para o papel e para com tinta.



Figura 1: *Explorando o mundo das cores*



Figura 2: *Interação das crianças com a pintura a dedo*

Elas também olhavam para tinta do coleguinha e percebiam que era diferente da cor que elas estavam e pedíamos para que eles fossem trocando as cores. Alguns aparentavam achar estranho e ficavam mais tempo observando a mão suja de tinta do

que pintando. Outros acabaram sujando toda a mão e esfregando tudo no papel e parecia achar interessante como ficava aquela parte toda suja com a tinta.

Em relação à atividade livre na areia constatamos o quanto é importante, atividades simples como essa para o desenvolvimento das crianças. No dia em questão, ao chegarmos à escola as crianças já tinham começado a brincar na areia e foram distribuídos, pelas professoras da escola, objetos, como copinhos de plásticos, potinhos de iogurtes, garrafinhas petti e pequenas bacias. Uma brincavam em grupos, outras preferiam brincar sozinhas.

O tipo de brincadeira nesse momento era bastante diversificado. Elas enchiam os copos e garrafas de areia, depois derramavam novamente e ficavam fazendo esse movimento várias vezes. Algumas vezes a areia caía fora do recipiente, então enchiam outra vez e tentavam mais uma vez fazer com que a areia caísse no recipiente que estava embaixo.

Os que brincavam sozinhos em alguns momentos derramavam toda a areia na cabeça e ficavam balançando para ver a areia cair. Passavam a mão e sentia como ficava o cabelo cheio de areia. Corriam para lá e para cá, enchiam os copos e garrafas de areia, derramavam, enchiam as dos colegas. Podemos ver que foi um momento muito rico de atividade livre onde as crianças faziam descobertas a partir do momento do simples encher e derramar areia no recipiente.

Algumas crianças que brincavam sozinhas eram chamadas, em alguns momentos, pelas próprias crianças, para se juntar ao grupo. Elas buscavam a criança que estava sozinha, dava a mão e a levava para junto das outras.



Figura 3: Crianças trazendo o coleguinha para brincarem juntos.

Em alguns momentos, algumas crianças se afastaram para brincar em um pequeno muro com alguns buracos. Elas enchiam essa parte aberta do muro com areia ou ficavam passando os recipientes, para pegá-los do outro lado. Com um tempo algumas crianças que estavam afastadas saíam correndo para encontrar as que estavam por trás do muro e todas saíam rindo. Elas acabavam se escondendo por trás do muro e as outras saíam correndo para encontrá-las: foi uma típica brincadeira de esconde-esconde. Elas corriam para se esconder, as outras corriam pelo outro lado para encontrá-las. Infelizmente, essa brincadeira foi interrompida pela professora que os chamou de volta para perto dela, já que as crianças tinham se afastado um pouco.



Figura 4: *Brincando com os recipientes*

Esse momento livre que as crianças têm na areia não tem tempo estimado, mas geralmente é uma hora ou um pouco mais que isso. Quando as professoras decidem colocar as crianças para a parte do pátio que não tem sol⁶, elas abrem uma sacola e pedem para que as crianças coloquem todos os objetos que estavam brincando. E todas obedecem colocando sem reclamar os potinhos e garrafas dentro da sacola.

A atividade que desenvolvemos com os brinquedos de montar e de encaixe foi feita no pátio onde elas brincam. Os brinquedos foram levados em uma sacola dos quais as crianças foram incentivadas a tirar um a um. Fomos chamando-as perguntando o que será que tinha dentro daquela sacola e fomos pedindo para que fossem olhando e tirando o que tinha dentro.

⁶ Parte do berçário, como se fosse uma extensão do pátio, mas reservado apenas para as crianças do berçário. É onde ficam os brinquedos e onde as crianças passam a maior parte do dia.

Elas tiravam os brinquedos e quando as outras viam o que era corriam para pegar também. Aos poucos foram explorando os brinquedos que tínhamos levado; sentavam no chão, mordiam, puxavam, batiam no chão.

Fomos mostrando que vários brinquedos desmontavam e incentivando-os a tirar as peças e depois que tiravam todas perguntava como colocá-las de volta. Percebeu-se como alguns ficavam frustrados por não conseguirem encaixar as peças, mais depois de algum tempo já encaixavam uma ou duas. Algumas não conseguiam e deixavam o brinquedo para lá. Dessa forma vimos que as crianças não tinham muito contato com brinquedos de encaixe, pois em alguns momentos não se interessavam por eles, jogando as peças longe ou procurando outros brinquedos.

Passado uma meia hora alguns ainda tentavam juntar peças, outros gostavam de brincar sozinhos colocando as pecinhas junto à parede. Amontoavam uma peça em cima da outra e ficavam montando e encaixando ao modo delas.

Uma tartaruga e um jacaré que tinham umas peças de montar e uma cordinha para puxar, foram motivo de criatividade para várias crianças e de brigas também. O corpo da tartaruga que soltava serviu de chapéu para algumas crianças, outras preferiam sentar em cima da tartaruga ou do jacaré e sair como se estivesse em cima de um carrinho, outros preferiam apenas puxá-los. Gostavam de colocar algumas coisas em cima do brinquedo e saíam andando pelo pátio.

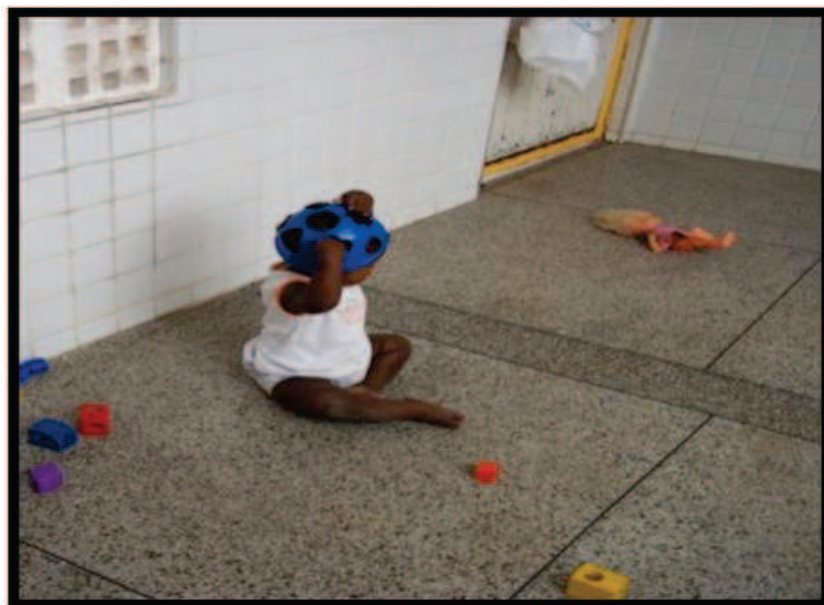


Figura 5: *Explorando o brinquedo.*

Os brinquedos de puxar ou empurrar foram os mais queridos pela maioria das crianças. Enquanto os de montar apenas poucas crianças sentavam para brincar. Elas ficavam olhando as peças quadradas, triangulares, redondas, coloridas e faziam montinhos de brinquedos com elas. Ficavam alguns minutos olhando e começavam a criar formas de montar ou apenas colocá-las na boca⁷.



Figura 6: *Interagindo com brinquedos de montar.*

A atividade com música desenvolvida junto às crianças foi a atividade em que elas mais interagiram. No início foi planejado levar músicas que as crianças ainda não conhecessem, mas fomos percebendo que era preciso que elas se familiarizassem melhor com a música para participar dela. Chegamos a essa conclusão quando, nos momentos em que conversávamos com elas e cantávamos alguma canção da qual elas não conheciam, as crianças não interagiam. Era necessário que elas já tivessem ouvido a música.

Então decidimos utilizar um DVD que as professoras colocavam para elas ouvirem em alguns momentos⁸. Foram levados vários chocalhos, tambores e alguns

⁷ Nessa atividade a atenção é máxima, pois é necessário ter cuidado para que as crianças não engolissem as peças que mesmo não sendo tão pequenas poderiam causar algum acidente.

⁸ O DVD sempre colocado pelas professoras é o dos famosos palhaços “Patati e Patatá” que estão fazendo maior sucesso entre a criançada. As músicas são bastante animadas e as crianças adoravam, mas só era colocado para elas assistirem perto da hora do banho. Uma professora ficava com parte da turma assistindo, enquanto a outra dava banho nas outras crianças. Nos dias do estágio não vi atividades relacionadas a esses momentos.

brinquedos que fizemos manualmente, com garrafinhas pett e caixinhas de fósforo para servir de chocalho. A metodologia de entrega dos brinquedos foi à mesma dos brinquedos de montar. Levamos em uma sacola e fomos chamando as crianças e perguntando o que tinha dentro. Elas foram colocando a mão e tirando os brinquedos.



Figura 7: *Interagindo e explorando o brinquedo sonoro.*

Cada criança ficou com um brinquedo. A reação delas foi à melhor possível. Balançavam muito os chocalhos, batiam nos tambores e o pequeno violão foi um objeto de investigação das crianças. Os tambores e o violão não eram brinquedos comuns na creche para o berçário. Então as crianças foram descobrindo como utilizar do jeito delas. Adoravam balançar os chocalhos e mexer nas cordas do pequeno violão observando que ao puxá-las saia som.

A professora auxiliar que estava presente no momento ligou o DVD e as crianças ficaram eufóricas. Dançavam, pulavam, cantavam, rodavam, faziam tudo que tinham o direito de fazer enquanto crianças. Mexiam o corpo inteiro, inventavam coreografias colocando a mão na cintura, dançavam do jeito que a música pedia e se soltavam.



Figura 8: *Dançando ao ritmo da música.*

Foi uma atividade muito prazerosa e que contagiava a todos. A alegria das crianças quando tocava a música preferida delas era impressionante. “A dança do louro” tocada no DVD era encenada e cantada pela maioria das crianças sem dificuldades. Foi uma manhã muito proveitosa tanto para nós, enquanto professoras, quanto para as crianças que se divertiram bastante.

Assim, em cada manhã acompanhando as atividades do berçário percebemos nitidamente a presença e a importância do movimento, do brincar, da interação, da importância de um trabalho mediador na educação infantil.

A interação das crianças com outras crianças, em um pequeno espaço cheio de areia ou de um círculo para pintarem um papel é impressionante. Os seus movimentos que muitas vezes parecem simples, sem sentido são vistos como necessários nas suas experiências de mexer, tocar, encher, errar e tentar de novo.

No olhar curioso delas vemos a necessidade de materiais pedagógicos e atitudes de incentivo, de perguntas sobre o que está fazendo, como está fazendo. Um simples copo de plástico pode ser interessante para que elas desenvolvam sua coordenação; se conheçam um pouco mais; entendam a quantidade de areia que pode colocar no recipiente e que em outro recipiente pode ser mais ou menos areia. Que ao sujar o dedo de tinta sua mão ficará de outra cor e ao passar no papel ele também mudará de cor, sua

textura não será mais lisa, acontecendo transformações. São pequenas atividades para nós, professoras e adultas, mas de extrema importância para a criança, pois a mesma

[...] experimenta o prazer de pegar, mexer, agarrar e assim, descobre que é capaz de provocar mudanças e aprender sobre os objetos e pessoas. É através do movimento que a criança pequena desenvolve sua inteligência, estimula o sistema nervoso e o cérebro tornando-o cada vez mais capaz de novos aprendizados. (MELO, BRANDÃO e MOTA, 2009, cp. 06, p. 73)

Então, além de ajudar na motricidade da criança, o movimento ajuda também na construção da própria identidade e no desenvolvimento da mente. É uma relação inseparável entre a mente e o corpo o qual cada uma vai interferindo no desenvolvimento da criança. A partir do momento que ela é desafiada a colocar o dedo no potinho de tinta ela vai ver que não dá para colocar a mão inteira e precisará colocar apenas um dedo. Ao pintar verá que o papel tem um limite e que ao passar do papel pintará o chão ou a própria perna que está perto. Quando as crianças estavam pintando a cartolina foi constante algumas pintarem as perninhas e o chão, sendo que as pernas eram mais notadas por elas, por sentir algo gelado na perna. Assim, trabalhando constantemente esses aspectos, a criança vai melhorando sua coordenação motora fina, o que a ajudará mais na frente quando for ensinada a escrever. Os limites do papel, por exemplo, será mais fácil para que entenda e internalize. Também começará a trabalhar a limites, mudanças, novas sensações.

Entender o movimento como forma de aprendizagem é essencial, pois as crianças se movimentam por necessidade e não por que são inquietas ou bagunceiras, elas “[...] começam a se comunicar com a fala ou gestos idiossincráticos, que podem parecer sem sentido” (GOLDSCHMIED E JACKSON, 2006, p. 28), para nós adultos, mas para elas são formas de se entender, de se conhecer e conhecer o outro. Por isso, privar a criança de movimentar-se, de falar, de explorar é privá-la de aprender, de se auto-conhecer, e consequentemente de conhecer o mundo a sua volta.

5.2 Relato das atividades em relação ao desenvolvimento da oralidade.

Esse tipo de atividade que engloba a oralidade das crianças foi desenvolvida dentro de todas as outras e a partir das rodas de leituras que fizemos em dois momentos.

Foi levado livros para que as crianças pudessem interagir com o mundo da leitura e tivessem a oportunidade de ter um maior contato com os livros.

Durante as atividades em geral fazíamos questão de sempre conversar com as crianças e ouvir o que elas falavam. Dizíamos o nome dos brinquedos que levávamos e procurávamos fazer isso enquanto elas estavam brincando. Sentávamos no chão junto com elas e à medida que brincavam, conversavam e diziam em alguns momentos o que estavam fazendo.

Em um primeiro momento na roda de leitura deixamos o livro no chão antes de começar. Algumas crianças pegaram o livro e começaram a folhear suas folhas⁹. O livro por ter um animalzinho em alto relevo foi bastante olhado e tocado pelas crianças. Colocamos as crianças em um círculo e começamos a contar a história. A maioria já fica atenta a história e ouve com atenção. Elas demonstravam gostar de ouvir a história e sempre queriam pegar o livro para olhá-lo mais de perto. Depois da história os deixamos um pouco a vontade para folhear o livro um pouco mais.



Figura 9: *Momento da leitura junto com o fantoche.*

Em um segundo momento da interação com a leitura foi levado alguns livros a mais. Dessa vez, levamos um fantoche para que a atividade se tornasse mais interativa entre as crianças. A história lida foi “Quem está escondido? Brincando no jardim”¹⁰. O

⁹ A história do livro era do cavalo Pégasus. Um livro pequeno de capa e folhas dura. Tinha um cavalinho em alto relevo que ao ser pressionado fazia um barulho.

¹⁰ O livro de capa e folhas duras próprio para crianças nessa faixa etária trazia uma história com muitos bichinhos e gravuras.

livro tinha partes que ao ser puxado aparecia bichinhos, e assim aproveitávamos para perguntar as crianças se conheciam que bichinho era aquele. Elas apontavam, tentavam tocar, perguntavam o que era.

A todo o momento buscamos fazer com que as crianças interagissem com a leitura. Com o fantoche buscamos fazer perguntas a elas. Uma ou duas crianças ficaram um pouco receosas em relação ao fantoche no momento da leitura. Então depois da leitura brincamos juntos com o fantoche e as crianças.

As crianças se mostraram curiosas em relação ao fantoche e queriam tocá-lo e colocar a mãozinha dentro da boca do fantoche. Algumas o abraçaram, puxavam o cabelo e riam muito. Espalhamos alguns livros pelo chão e deixamos as crianças a vontade para folheá-los. À medida que brincavam com os livros perguntavam que gravuras eram aquelas que apareciam e íamos questionando-as o que elas achavam o que era. Algumas respondiam, outras perguntavam novamente até que respondêssemos.



Figura 10: Criança perguntando sobre os desenhos do livro.



Figura 11: Interação das crianças com os livros.

As professoras então decidiram deixar as crianças brincar na areia e uma não quis ir. Essa criança continuou a brincar com os livros e então sentamos junto a ela. Em seguida as professoras colocaram duas crianças que elas disseram que estavam dando trabalho para dentro do cercadinho e então elas vieram brincar com os livros. Continuamos a brincar com essas duas crianças e o fantoche, enquanto folheavam os livros, observavam as gravuras e fazíamos perguntas.

Constatamos então que a linguagem falada já era presente na vida da maioria das crianças. Essa expressão oral dava-nos liberdade de entender um pouco mais as crianças, já que em alguns casos elas conversavam conosco, perguntavam algo e sempre conversavam entre elas. O que nos leva a ver que “a expressão oral como forma de comunicação, acontece em todas as atividades que favoreçam a manifestação de idéias, a expressão de fantasias, instiguem a curiosidade e a imaginação” (ARANHA, 2002, p. 49).

Nessa fase a linguagem que a criança se utiliza é construída a partir do que ela ouve. Então é uma fala da qual ela se utiliza apenas para comunicar-se com os outros. No seu desenvolvimento ela passa pelo processo de internalização da linguagem.

O bebê, membro imaturo de um determinado grupo cultural, vai passar por um processo de aquisição da linguagem que já existe no seu ambiente enquanto sistema compartilhado pelos membros desse grupo cultural. Nas fases iniciais da aquisição da linguagem a criança se utiliza, então da linguagem externa disponível no seu meio, com a função de comunicar. (OLIVEIRA, 2010, p. 54)

Na fase das crianças que trabalhamos (1 a 2 anos e 5 meses) deparamo-nos com muitas situações onde destacamos a fala egocêntrica. Assim, buscamos estudos de Vygotsky que mostra que a fala egocêntrica é uma fase da qual a criança esta associando o pensamento da linguagem. É a fase desse elo de ligação entre o que ela está pensando e o que está falando.

Com a linguagem a criança amplia seu modo de ver as coisas, de se relacionar e desenvolve mais ainda sua cognição. Percebemos que existe uma variação no nível de oralidade entre as crianças que falam mais e as que falam menos. Por isso é importante o estímulo oral, não para que todas falem igualmente, mais para que todas possam ir desenvolvendo cada vez mais a linguagem. Dessa forma,

A chave não está propriamente no momento em que se começa a produzir a linguagem, mas sim, na capacidade da criança de entender o que se diz, mesmo que ainda não tenha começado a falar, por que tudo o que entender acabará conseguindo expressar com suas palavras em algum momento (PANIAGUA e PALACIOS, 2007, p. 60).

Sendo assim é manter contato com as crianças, conversar, fazer perguntas durante as conversas para que elas tentem responder é uma forma de estimulação e fará com que a criança pratique e pense sobre o que vai falar ou o que vai responder. Brincadeiras com fantoches, contatos com os livros, rodas de leituras fará com que a criança tenha contato com a leitura falada como também escrita. Irá se familiarizando e construindo uma boa base para os próximos anos da sua escolarização.

Então é imprescindível, em um berçário, “[...] proporcionar contextos significativos e reiterados de uso da linguagem. Com isso, a criança acabará compreendendo o significado das palavras e pouco tempo depois será capaz de utilizá-las (PANIAGUA e PALÁCIOS, 2007, p. 60).

5.3 Relato das atividades que incentivaram a relação social e afetiva

Buscamos desenvolver essa atividade de forma interdisciplinar, ou seja, dentro das outras que já tínhamos feito. Trabalhar as relações dentro de um berçário é muito concreto e deve ser mostrado para as crianças a partir das atitudes delas.

No decorrer das outras atividades procuramos fazer com que as crianças trabalhassem juntas e comesçassem a entender e respeitar o outro. Parecerem ser temas muito complexos para crianças de um a dois anos, mais é desde cedo que se devem dar essas noções as crianças. Ótimo exemplo dessas relações foi na atividade em que levamos os brinquedos de montar em que as crianças geralmente brigavam por causa de algum brinquedo. Tentavam tomar da mão do outro e a maneira que encontravam eram beliscando. No momento em que víamos essa situação, conversávamos com as crianças explicando que o coleguinha estava brincando e que ela poderia brincar com outro brinquedo naquele momento. Explicávamos que não pode beliscar e que depois ela brincaria com aquele determinado brinquedo.



Figura 12: *Brincando em grupo*

Algumas vezes não tinha acordo e começavam a chorar, mas mostrávamos outro brinquedo e como ele também era interessante. Assim eles aceitavam e brincavam. Em outro momento, outra criança não quis e continuou chorando, então conversamos com a que estava com o brinquedo e pedimos para que ela desse o brinquedo e que depois poderia brincar, ela aceitou e foi brincar com outra coisa.



Figura 13: *Ajudando o coleguinha*

Durante outros momentos mostramos respeito pelas vontades das crianças que não queriam brincar com a atividade que levamos, mas procuramos chamar a atenção dela e

fazer com que tivesse curiosidade em participar. Dávamos a todas as mesmas condições de brincadeiras e liberdade e sempre procuramos fazer com que elas não brigassem e brincassem juntas. Vimos vários momentos de carinho entre algumas crianças que se abraçavam e chamavam o outro coleguinha para brincar junto quando este estava sozinho.

Assim sendo, as relações sociais e afetivas no berçário estão começando a serem acentuadas entre as crianças. De acordo com Paniagua e Palácios (2007) desde os dois anos, verificam-se escolhas de companheiros, o que os leva a brincar com crianças do mesmo sexo. No berçário onde atuamos, não é sempre que os meninos brincam só com meninos e meninas só com meninas. Como estão sempre em grupo, não demonstram preferência por algum dos lados.

As crianças na sua maioria estão brincando sempre em grupos, mas em raros momentos foi visto que dois meninos da turma gostavam mais de brincar sozinhos do que com o resto do grupo. As brincadeiras geralmente são as mesmas e não se distinguem para meninos ou meninas, o que se torna um aspecto positivo já que as crianças não construíram ainda preconceitos em relações a determinadas brincadeiras.

Destacamos nesse momento a importância do brincar na fase da educação infantil. É necessário desfazer com o tabu de que a brincadeira e o brinquedo fazem parte da vida da criança apenas como um passa-tempo. Estudos revelam, principalmente na teoria de Vygotsky, que o ato de brincar auxilia e muito a criança no seu desenvolvimento. Na maioria das vezes é na brincadeira onde a criança demonstra, por exemplo, o pensamento que está construindo. É a partir do brinquedo que a criança expressa suas emoções, seus sentimentos, suas opiniões.

É importante darmos as crianças tempo e espaço para que estas brinquem e se desenvolvam, permitindo que elas possam trabalhar a própria criatividade uma vez que desde o momento que a criança brinca ela está tendo o domínio da linguagem simbólica, sendo a brincadeira uma ação que ocorre no plano da imaginação. (MICELI, 2003, p. 19)

Mas como afirma Vygotsky, o brinquedo não vai satisfazer toda a necessidade da criança, não é o único meio, principalmente se a mesma for muito pequena. “A tendência de uma criança muito pequena é satisfazer seus desejos imediatamente; normalmente, o intervalo entre um desejo e a sua satisfação é extremamente curto” (VYGOTSKY, 2007 p. 108). Mas é necessário entender a importância desse material na

vida delas. O brinquedo trás para a criança um mundo imaginário do qual ela se utiliza para satisfazer seus desejos (p.109).

Essa relação entre as crianças é muito importante para manter a calma e harmonia entre o grupo. Isso faz com que as crianças criem respeito uma pela outra e evitem conflitos, como brigas, mordidas e beliscões entre elas. A relação afetuosa das professoras com as crianças também é necessária. Elas precisam ver na professora um apoio, uma pessoa onde elas podem confiar e que possam dar e receber carinho.

Então é necessário ouvir as crianças sempre que pedem atenção, conversar com elas para que possam se expressar sempre que conseguirem. É necessário se colocar no nível da criança, ou seja, sentar ou agachasse para ficar no seu campo visual, evitando que a criança fique na posição desconfortável de sempre está olhando para cima, e criando assim um maior vínculo a partir do momento que conversamos olhando para ela.

Os olhares do adulto também proporcionam muita informação afetiva: eles podem pairar sobre o grupo, evitando pousar nas crianças, ou procurar ativamente a troca com todos e com cada um; podem comunicar reconhecimento e afeto, ou ser basicamente olhares de vigilância e controle. (PANIAGUA e PALACIOS, 2007, p. 134)

Destaco então, a importância das atividades serem constantes no berçário, um espaço rico para as crianças se desenvolverem plenamente. É necessário conhecer para agir, então cabe a nós professores/as entender os significados dos movimentos, das expressões, das primeiras formas de linguagem oral para a educação infantil, para o desenvolvimento das crianças e para sua aprendizagem. A estimulação é essencial, pois mesmo a criança nascendo apta a se desenvolver ela necessita da mediação do adulto. O que nos remete aos estudos de Vygotsky onde afirma que

[...] o ser humano não nasce ser humano, mas aprende a ser humano com as outras pessoas – com as gerações adultas e com as crianças mais velhas – com as situações que vive, no momento histórico em que vive e com a cultura a que tem acesso (MELO, 2004, p. 136).

Nesse ponto de vista afirma, portanto, que

O educador não é, pois, um facilitador no sentido de que possibilita um nível de desenvolvimento que aconteceria independentemente da aprendizagem. [...] a tarefa do educador é garantir a reprodução, em

cada criança, das aptidões humanas que são produzidas pelo conjunto dos homens e que, sem a transmissão da cultura, não aconteceria (MELO, 2004, p. 141).

Portanto, é necessário repensar o lugar da criança dentro da instituição de educação infantil, colocando-a como centro de um trabalho voltado ao seu pleno desenvolvimento e aprendizagens significativas.

6. Considerações finais

A oportunidade de construir e poder aplicar um projeto elaborado exclusivamente para uma turma de berçário de uma escola pública é muito enriquecedora. Tivemos o objetivo de incluir e reorganizar atividades pedagógicas dentro do ambiente do berçário para atender as necessidades das crianças que ali estavam e assim, foi possível intervir nesse ambiente para que cada vez mais se torne um espaço onde as crianças possam se desenvolver com qualidade.

A experiência de conviver em um ambiente escolar e poder participar ativamente dentro dele, como foi essa nossa experiência no berçário, torna esse processo de formação dentro do mundo acadêmico muito mais eficiente. O período de observação foi importante, pois quando partimos para a atuação sabíamos como iríamos atuar, conhecemos as crianças e já estávamos familiarizadas com o local.

Durante quase um ano acompanhamos o desenvolvimento dessas crianças e isso nos fez refletir e entender melhor muitas das coisas que estudamos na universidade. O avanço delas nessa fase de 0 à 2 anos é impressionante e muito bonito. É fantástico relembrar que ao começar nossa pesquisa estivemos em contato com crianças que ainda não andavam, outras que pouco falavam e ao final poder vê-las correndo de um lado para o outro, participando com as atividades, conversando com os colegas e professores.

A instituição que serviu de campo de pesquisa e atuação é um ambiente que pode oferecer muito as crianças que lá estudam. As professoras que lá trabalham têm muito a oferecer e vemos isso em vários trabalhos feito por elas na escola. Mas sempre é preciso estar revendo os conceitos, as formas de trabalho e organização da instituição, pois as crianças vivem momentos diferentes com o passar do tempo e a escola precisa atender as necessidades dessas crianças a todo o momento. O trabalho pedagógico precisa ser inteiramente voltado para a criança, o seu desenvolvimento e sua aprendizagem.

Tendo como experiência esse projeto colaborativo aqui desenvolvido, destacamos a importância de repensar as práticas docentes na educação infantil para melhor atender as necessidades das crianças que fazem parte de ambiente e que projetos como esse sirvam de base reflexiva para profissionais da área, possibilitando uma melhor mediação educacional.

Portanto, concluímos com esse projeto que a educação pode e está sendo mudada para melhor pela . Que existem profissionais capacitados que mesmo sem trabalhar em escolas e creches altamente capacitadas conseguem fazer um bom trabalho pedagógico. Conseguimos mostrar também que o ambiente do berçário não precisa e nem deve ser um espaço do simples cuidar. Que atividades para as crianças nessa fase por mais simples que sejam se tornam um grande desafio para elas e auxiliam em seu desenvolvimento.

Cabe ao professor entender como se dá o desenvolvimento infantil e planejar o seu dia-a-dia a partir das necessidades da criança. Assim, a atuação na educação infantil é antes de uma boa escola estruturada, uma boa equipe pedagógica com idéias voltadas para a criança.

ABSTRACT

Crèches and pre-schools, as they are legally termed institutions serving children 0-5 years of age in our country (BRAZIL, 1996), has become in contemporary spaces where students are only respects and care / or biological needs such as eating, sleeping. Being left out, educational activities that encourage child development and meaningful learning. The research took place in the period from March to November 2011, during the supervised training in Early Childhood Education in Nursery and Preschool Isabelle Barbosa Silva, who nurture building this experience report under the qualitative approach of action research, with to analyze teaching practices developed within the nursery this public institution in the city of Campina Grande - PB, with an eye to child development and teaching practices carried out in the nursery environment. The project was based on theoretical studies of Vygotsky (2007) and Piaget (1980), and scholars who develop work focused on child development and teaching methodologies and targeted to early childhood education as Goldschmied and Jackson (2006), Callil (2010), Melo Brandao And Mota (2006). We hope that this study can be a tool to guide a more efficient within institutions by professionals who are in them, which will transform the everyday nursery and may contribute to the development of children in this stage of their schooling

KEYWORDS: Nursery; Child Development; Education and Care.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Beatriz Carmo Lima de e LUGLE, Andréia Maria Cavaminami. **Percepções do cuidar e educar no berçário.** Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacao/ainfantil/percepcoesdocuidareeducar.pdf>> Acessado em: 20/07/2012

ARANHA, Maria Lúcia A. R. **Desenvolvimento infantil na creche.** São Paulo: Loyola, 2002.

BOCK, A. M. B. (etal) A psicologia do desenvolvimento. In: **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** São Paulo: Saraiva, 1999

BRANDÃO, Soraya M^a Barros de Almeida; MELO, Glória M^a Leitão de Souza; MOTA, Marinalva da Silva (org.). **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil.** Campina Grande: Eduepb, 2009.

BRASIL, Lei Darcy Ribeiro: Lei 9.394, de 1996: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, Senado Federal, 1996.

CALLIL, Maria Rosário Silva. **Formar e forma-se no berçário: um projeto de desenvolvimento profissional no contexto de um centro de educação infantil.** São Paulo: 2010.

CRAIDY, Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. Organização do Espaço e do Tempo na escola Infantil. In: **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

MELLO, Suely Amaral. A escola de Vigotsky. In: CARRARA, Kester. **Introdução a psicologia da educação: seis abordagens.** São Paulo: Avercamp, 2004.

MICELI, Paulina de Almeida Martins. **O brincar segundo Winnicott e Aucouturier**. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/7/PAULINA%20DE%20ALMEIDA%20MARTINS%20MICELI.pdf>> Acessado em: 02/09/2012.

MONTENEGRO, Thereza. **Educação infantil**: a dimensão moral da função de cuidar. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao_foco/educa-infantil.pdf> Acessado em: 20/07/2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Sobre afetividade e construção de vínculos na educação infantil. In: **Educação Infantil**: Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas-SP, Ed: Papirus, 2008, p. 69-92.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação Infantil**: resposta educativa a diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2007

PIAGET, Jean e BÄRBEL, Inhleder. **A psicologia da criança**. 6º Ed. São Paulo: DIFEL, 1980.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo : Cortez, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2000.